

3

A metáfora em Paul Ricoeur

Em sua obra *A metáfora viva*, Paul Ricoeur elabora uma teoria filosófica da metáfora¹. A elaboração dessa teoria terá seu corolário, como aqui mostraremos,

¹ Para entender a teoria da metáfora de Ricoeur no conjunto da sua obra, pode ajudar o seguinte trecho: “Vou indicar logo como concebo o acesso à questão da existência pelo atalho dessa semântica: uma elucidação simplesmente semântica permanece “no ar” enquanto não mostrarmos que a compreensão das expressões multívocas ou simbólicas é um momento da compreensão de si; o enfoque semântico se encadeará, assim, como um enfoque reflexivo. Todavia, o sujeito que se interpreta, interpretando os signos, não é mais o Cogito: é um existente que descobre, pela exegese de sua vida, que é posto no ser antes mesmo que se ponha o se possua. Dessa forma, a hermenêutica descobriria um modo de existir que permaneceria de ponta a ponta ser-interpretado. Somente a reflexão, ao abolir-se como reflexão, pode conduzir às raízes ontológicas da compreensão. Mas isso não cessa de ocorrer na linguagem, pelo movimento da reflexão. Eis a via árdua que iremos percorrer” (Ricoeur, 1978, p. 14). A “via árdua” de Ricoeur procura um acesso à existência (ontologia), pelo atalho da análise da linguagem (semântica). Para entender melhor essa “via árdua”, é necessário entender seu diálogo com dois extremos: o cógito cartesiano (e em geral as filosofias que colocam o sujeito como seu ponto de partida) e as hermenêuticas da suspeita (ou filosofias que negam o sujeito). Face a esses extremos, ele reafirma o sujeito, mas “sugerido pela expressão “cogito ferido” ou “cogito partido”, um sujeito justamente atravessado e constituído pela alteridade. Um sujeito que não é transparente a si mesmo, que é estranho a si num certo sentido (...) que só pode se conhecer por meio de múltiplas mediações, principalmente pelas obras da cultura que produz e em que se reconhece. Um sujeito que não é o “eu” de uma representação dada a si mesmo como ponto de partida, mas um sujeito que se descobre como “si-mesmo” ao ponto de chegada de um longo percurso, pela retomada reflexiva de suas ações e criações” (Salles Gentil, 200-?1, p. 9-10). Finalmene, também o seguinte trecho: “Empenhado inicialmente na descrição fenomenológica da vontade, procurando elaborar uma distinção entre o voluntário e o involuntário na ação humana, ele depara-se com a questão do mal. Descobre que a reflexão tem acesso ao mal por sua expressão simbólica, isto é, pela mediação dos símbolos com que as culturas apreendem, exprimem e dão forma a esse mal. É preciso então entender o que são os símbolos, como funcionam, o que significam. A hermenêutica define-se, nesse primeiro momento, como trabalho de decifração dos símbolos, esses signos que, em seu sentido literal, direto, apontam para outra coisa, um outro sentido que só se revela pela interpretação. Interpretar é, aqui, esclarecer esse duplo sentido” (Salles Gentil, 200-?2, p. 18). Na conclusão da sua obra “O simbolismo do mal”, Ricoeur explicita a centralidade do símbolo em seu pensamento: “*O símbolo dá ocasião para que o pensamento surja*. Essa frase, que me encanta, diz duas coisas: o símbolo dá; mas o que ele dá é a ocasião para o pensamento, algo para ser pensado (...) Mas já não podemos viver os grandes

na noção tensional de verdade poética que abre caminho para uma relação de interanimação entre discurso poético e especulativo. O presente capítulo visa expor a teoria de Ricoeur, acentuando alguns aspectos da mesma, com vistas a uma comparação com o pensamento de Santo Tomás, exposto capítulo anterior.

Como o próprio Ricoeur reconhece, ao apresentar o esboço da obra, *A metáfora viva* é um livro relativamente longo (Cf. Ricoeur, 2000, p. 15). A obra consta de oito estudos, nos quais Ricoeur, “assume a tarefa de examinar as metodologias próprias de cada ponto de vista, de desdobrar as análises resultantes de cada uma e de sempre atribuir os limites de uma teoria aos limites do ponto de vista correspondente” (Ricoeur, 2000, p. 15). Para o nosso objetivo, que procura a comparação com Santo Tomás, privilegiaremos quatro estudos: o primeiro, o sexto, o sétimo e o oitavo.

A opção por deixar relativamente de lado o resto de estudos radica na temática dos mesmos: o segundo estudo é consagrado por Ricoeur a obras recentes no campo da retórica. O próprio título do estudo *O declínio da retórica*, expressa o objetivo de Ricoeur: mostrar que o ponto de vista retórico não dá conta da produção da significação, já que o desvio em relação ao significado da palavra é apenas um efeito de tal produção e não sua causa. A explicação da produção da significação deve ser procurada no ponto de vista semântico, no nível da predicação, mais especificamente, na predicação impertinente da metáfora.

Os estudos 3, 4 e 5 continuam na mesma linha argumentativa do estudo 2: No estudo 3 Ricoeur mostra a oposição entre uma teoria da tensão metafórica e outra da substituição (a tensão correspondendo ao ponto de vista semântico e a substituição ao retórico). Nos estudos 4 e 5, “dando um passo atrás”, Ricoeur tenta mostrar a complementariedade das duas teorias: “Importa, então, mostrar como a metáfora, produzida no âmbito do enunciado tomado como um todo, ‘evidencia-se’ na palavra” (Ricoeur, 2000, p. 11).

Nestes estudos (3, 4 e 5) Ricoeur discute com autores da lingüística e do estruturalismo, alcançando um alto grau de complexidade técnica, cuja introdução em nosso trabalho não facilitaria a comparação com Santo Tomás. A valorização da linguagem poética em Santo Tomás é alheia, com efeito, à discussão entre o

simbolismos do sagrado de acordo com a crença original neles, podemos, como homens modernos, procurar uma segunda *naïvité* no e através do criticismo. Brevemente, é pelo interpretar que

ponto de vista retórico e semântico e, portanto, optamos por não dedicar a ela a nossa atenção no desenvolvimento do presente capítulo.

Nossa opção pelos estudos 1, 7 e 8 se deve principalmente a que, a partir da interpretação da *mimesis* levada adiante no estudo 1 (“dizer as coisas em ato”), a obra abre o caminho para a explicitação, no estudo 7, de uma teoria da referência metafórica; do poder de redescrição do real que assemelha as ‘redes metafóricas’ aos modelos da ciência. O estudo 8 é a explicitação ou postulado de uma estrutura ontológica do real, condição de possibilidade de uma linguagem estruturada², segundo Ricoeur, em sua origem, por uma *metafórica inicial*.

Consideramos que tanto a construção de uma teoria da referência metafórica quanto o postulado de uma ontologia implícita a tal referência oferecem vários pontos de comparação com Santo Tomás, que aprofundaremos no capítulo 5 do nosso trabalho. Com efeito, usar metáforas é também para Santo Tomás dizer algo sobre o real e tal uso tem nele uma clara fundamentação no ser das coisas, como vimos no capítulo 2. Neste capítulo veremos de que maneira Ricoeur aborda essas questões, sob o nome de referência metafórica e ontologia implícita a uma teoria filosófica, tensional e semântica da metáfora.

O estudo 6 também ocupa nossa atenção, devido ao esforço especulativo realizado por Ricoeur para dar à imagem –tanto em seu aspecto verbal quanto sensível– um lugar ou momento em sua teoria filosófica da metáfora. Tal esforço também está presente em Santo Tomás, quem na primeira questão da Suma Teológica (a. 9) trata o problema da aceitação da metáfora, própria da poesia, linguagem carregada de imagens, na doutrina sagrada. Tal paralelismo é do maior interesse para o nosso trabalho, já que também oferece um ponto de comparação entre os dois autores.

3.1 Entre retórica e poética: Aristóteles

podemos ouvir novamente. Assim é na hermenêutica que o dom de significado feito pelo símbolo e a tarefa de entender por descifração estão coadunados” (Ricoeur, 1969, p. 348-351).

² Nesta maneira de proceder, Ricoeur revela o caráter de “dedução transcendental” do seu pensamento: “Aventuro-me a chamar tal empresa, ao menos provisoriamente de “dedução transcendental” dos símbolos. Dedução transcendental no sentido Kantiano, consiste em justificar um conceito, mostrando que ele torna possível a construção de um domínio de objetividade” (Ricoeur, 1969, p. 355).

O *Estudo 1* de “A metáfora viva” é dedicado a Aristóteles, quem, na *Retórica* e na *Poética*, ensaiara a primeira definição filosófica da metáfora: “Poesia e eloquência delineiam deste modo dois universos do discurso distintos. Ora, a metáfora tem um pé em cada um destes domínios (...) há portanto, uma única estrutura da metáfora [transferência do sentido], mas duas funções da metáfora [retórica e poética]” (Ricoeur, 2000, p. 19).

O núcleo comum da *Retórica* e *Poética* de Aristóteles é, segundo Ricoeur, a definição de metáfora como *epífora do nome*: “A metáfora é o transporte a uma coisa de um nome que designa uma outra, transporte quer do gênero à espécie, quer da espécie ao gênero, quer da espécie à espécie ou segundo a relação de analogia (XXI, 7, *Poética* 1457b 6-9)” (Ricoeur, 2000, p. 20).

Ricoeur resume sua interpretação da definição da metáfora como epífora do nome em três hipóteses (Cf. Ricoeur, 2000, p. 34-35):

- Anfibologia da metáfora (de natureza discursiva): são necessárias sempre duas idéias para fazer uma metáfora. Uma dualidade de termos, ou par de relações entre as quais se atua a transposição.
- Transgressão categorial como intermédio de desconstrução entre descrição e redescricao (função heurística³ da metáfora).
- Idéia de uma ‘metafórica inicial’: metáfora na origem da linguagem, da ordem conceitual constituída.

Ricoeur encontra o sustento para suas hipóteses na seguinte citação- para ele definitiva- da *Poética* (XXII, 17, 1459a 4-8): “Construir bem metáforas é perceber bem as semelhanças”. Nessa citação, pode se perceber que a metáfora se converte em verbo (metaforizar), ao qual é adicionado um adjetivo (metaforizar bem = fazer bom uso dos procedimentos da *lexis*). Esse metaforizar bem é para Aristóteles –e Ricoeur sublinha este elemento- uma questão de gênio: não há regras para algo que se situa no plano da descoberta, em uma heurística que não violenta uma ordem se não é para criar uma outra: “O metaforizar, isto é, a dinâmica da metáfora, repousaria assim na apercepção do semelhante. Estamos assim perto da nossa hipótese mais extrema: isto é, a ‘metafórica’ que transgride a ordem categorial é também aquela que a engendra” (Ricoeur, 2000, p. 39).

³ Palavra moderna originada do verbo grego *eurísko* (acho). Pesquisa ou arte da pesquisa.

Além da definição da metáfora em termos de epífora ou transposição, comum à *Poética* e à *Retórica*, Aristóteles apresenta na *Retórica* uma definição da metáfora em termos de comparação⁴: a metáfora é também uma comparação abreviada.

Um fruto, muito caro a Ricoeur, do paralelo comparação-metáfora realizado por Aristóteles é a afirmação do caráter instrutivo das metáforas, que se funda na transferência e “captação de uma identidade na diferença de dois termos” (Ricoeur, 2000, p. 44). A relação entre a instrução metafórica e a elegância da metáfora é para Ricoeur diretamente proporcional: “ ‘necessariamente o estilo e os entimemas elegantes são aqueles que nos fornecem rapidamente um conhecimento novo’ (III, 10, 1410 b 17-21)” (Ricoeur, 2000, p. 44).

De acordo com a interpretação de Ricoeur, o paralelo comparação-metáfora é compatível com a definição de metáfora como epífora. Tanto a epífora como a comparação “são feitas” entre dois termos, o que é possível graças à apercepção de semelhanças. Ricoeur ressalta a importância de ‘perceber o semelhante’ também na filosofia: “Aperceber, contemplar, ver o semelhante, tal é, no poeta é claro, mas também no filósofo, o golpe de gênio da metáfora que reunirá a poética à ontologia” (Ricoeur, 2000, p. 47).

Na última parte do *Estudo 1* é abordada a relação entre a *lexis* (elocução) e a retórica e poética respectivamente. Embora Ricoeur reconheça que o elo entre *lexis* e retórica é acidental e fraco, lembra a relação entre as virtudes da vivacidade e elegância e o caráter instrutivo da metáfora. “Ora, a função da metáfora é instruir por uma aproximação súbita entre coisas que parecem distantes” (Ricoeur, 2000, p. 58). Mais adiante no texto, Ricoeur especifica um pouco melhor a natureza dessa instrução, citando o próprio Aristóteles: “A metáfora, diz ele, ‘faz imagem’ (literalmente: põe diante dos olhos); dito de outro modo, a metáfora dá à captação do gênero esta coloração concreta que os modernos chamarão estilo imagético, estilo figurado” (Ricoeur, 2000, p. 58).

⁴ “É naturalmente agradável a todos aprender sem dificuldade; ora, as palavras têm uma significação; por conseguinte, as mais agradáveis das palavras são as que nos trazem algum conhecimento. Mas as palavras obsoletas nos são desconhecidas, ao passo que conhecemos os termos próprios. Este efeito é muito particularmente produzido pela metáfora. Quando nos dizemos que a velhice é como o colmo, ambos perderam a flor. Surtem o mesmo efeito as imagens dos poetas [as comparações]; pelo que, quando empregadas a propósito, conferem um ar de urbanidade e estilo. A imagem [a comparação] é, como dizemos acima, uma metáfora, diferindo dela apenas por ser precedida de uma palavra. Pelo que, é menos agradável, pelo fato de ser desenvolvida um pouco mais longamente” (Livro 3, X, 2-3).

O elo entre *lexis* e poética é forte e essencial. Tal como acontece em uma escultura, a forma e a matéria são uma coisa só. Embora o poeta seja um imitador, Ricoeur chamará a atenção a dois pontos de importância: a natureza imitada não é estática, mas está configurada pelas ações humanas (Ricoeur chega a propor uma nova definição de *mimesis*, já não mais como ‘imitação da natureza’, senão como “dizer as coisas em ato”). A *mimesis* ou imitação das ações humanas realizada na tragédia grega, lembra Ricoeur, não é uma imitação passiva, mas ativa, que visa enaltecer os atos humanos, restituindo-lhes sua harmonia e ordem. Essa dimensão criativa da *mimesis* (Ricoeur chega a afirmar que a *mimesis* é uma *poiésis*) servirá de apoio a Ricoeur mais adiante para postular o poder de redescrção do real que possui a ficção.

3.2 O trabalho da semelhança

O *Estudo VI* é um exame do papel da semelhança em uma teoria semântica da metáfora. Em um primeiro momento, Ricoeur quer provar a afinidade entre substituição e semelhança e mensurar os obstáculos de um novo pacto entre interação e semelhança. Em um segundo momento, Ricoeur reinterpreta o papel da semelhança na linha da teoria da interação exposta no *Estudo 3* da obra (Cf. Ricoeur, 2000, p. 267).

Os parágrafos 1 e 2 do *Estudo VI* são dedicados por Ricoeur ao esclarecimento do estatuto da imagem associada, definida por Le Guern⁵ negativamente como “um elemento que é estranho à isotopia⁶ e, [que] por esta razão, produz imagem” (Ricoeur, 2000, p. 287). Para preparar o caminho a tal esclarecimento, “a análise de Le Guern deve ser completada por outra análise que incorporará mais nitidamente o papel da imagem na redução de desvio” (Ricoeur, 2000, p. 287).

⁵ M. Le Guern, junto com R. Jakobson, são os autores aos quais Ricoeur se refere no Estudo 6 como defensores do pacto entre substituição e semelhança. Porém, em fidelidade a seu método, será a partir do ponto de vista destes pensadores que Ricoeur mostrará a necessidade de um pacto entre interação e semelhança, que é o objetivo principal do *Estudo 6*. A afirmação mais importante na obra de Le Guern é, segundo Ricoeur, a de que a analogia semântica instaura uma relação “entre um elemento pertencente à isotopia do contexto e um elemento que é estranho a essa isotopia e, por esta razão, produz imagem” (Ricoeur, 2000, p. 286). Tal afirmação só pode ser plenamente valorizada, segundo Ricoeur, “em uma teoria da metáfora enunciado e não da metáfora-lexema” (Ricoeur, 2000, p. 286).

Tal análise Ricoeur a encontra em Paul Henle, para quem a metáfora se diferencia do resto dos tropos⁷ pelo seu caráter icônico: “o modo icônico de significar leva a pensar em alguma coisa considerando alguma coisa semelhante” (Ricoeur, 2000, p. 290). Henle considera a ampliação “do poder do duplo sentido do cognitivo ao afetivo” (Ricoeur, 2000, p. 291) como efeito maior da metáfora: a ampliação do vocabulário é um efeito menor quando comparado com a ampliação das maneiras de sentir. O mérito de Henle, segundo Ricoeur, se mantém, a pesar do seu explícito emocionalismo: ele consiste no reconhecimento “da ligação entre o jogo da semelhança e a inclinação ao desenvolvimento no próprio plano cognitivo” (Ricoeur, 2000, p. 291).

Para Henle, o caráter icônico da metáfora consiste não em uma apresentação do ícone (o que conduziria, segundo Ricoeur, ao impasse de uma teoria da imagem no sentido humeiano de uma expressão sensorial enfraquecida), mas em uma descrição do mesmo. Henle afirma: “o que é apresentado é uma fórmula para a construção de ícones” (Ricoeur, 2000, p. 290). Tal afirmação é próxima, segundo Ricoeur, com a noção kantiana de *imaginação produtora*, que, em contraste com a de *imaginação reprodutora*, é um esquema ou método para construir imagens (Cf. Ricoeur, 2000, p. 292).

O que mais interessa do pensamento de Henle a Ricoeur é que ele “não nos leva a escolher entre uma teoria predicativa e uma icônica” (Ricoeur, 2000, p. 292), mas pelo contrário, contribui para o reconhecimento de que a colisão semântica é o avesso da função icônica (Cf. Ricoeur, 2000, p. 293)⁸.

No parágrafo 3 do *Estudo VI*, Ricoeur faz referência ao “processo feito à semelhança” (Ricoeur, 2000, p. 293), segundo o qual, depois de Henle, desaparece o interesse por ela. A causa principal de tal desaparecimento é, segundo Ricoeur, “a longa coabitação entre substituição e semelhança” (Ricoeur, 2000, p. 293).

⁶ Segundo A. Greimas, a isotopia é “um conjunto redundante de categorias semânticas que torna possível a leitura uniforme da narrativa [...] após a resolução de suas ambigüidades” (Figueira, 2008)

⁷ Figuras da linguagem.

⁸ A metáfora é a resolução do conflito literal no enunciado, no qual alguns termos são tomados literalmente e outros figurativamente. A função icônica da metáfora consiste na elaboração do “paralelismo das situações que guiará a transposição icônica” (Ricoeur, 2000, p. 292). Tal função é própria das metáforas vivas, já que no caso das metáforas convencionais “os usos culturais decidem o sentido figurativo de certas expressões” (Ricoeur, 2000, p. 292-293).

Outro argumento que contribui a tal desaparecimento é que “mesmo quando a analogia é a relação posta em jogo pelo enunciado metafórico, ela nada explica, pois é antes o resultado do enunciado que é sua causa ou razão” (Ricoeur, 2000, p. 294).

Um terceiro argumento: semelhança e analogia são termos equívocos, que podem apenas introduzir confusão na análise. O desafio, segundo Ricoeur, é o de harmonizar o papel universal da semelhança⁹ com o raciocínio específico da analogia¹⁰ ou da comparação.

O quarto argumento é, segundo Ricoeur, um equívoco mais grave, segundo o qual a semelhança é feita “do abstrato ao concreto, a imagem concreta assemelha-se à idéia que ilustra, e a semelhança é então a mesma propriedade do que representa, do retrato em sentido amplo” (Ricoeur, 2000, p. 295). Esse equívoco está presente em uma corrente de crítica literária, segundo a qual “investigar as metáforas de um autor é descobrir suas imagens familiares, entendamos, suas imagens visuais, auditivas e em geral sensoriais” (Ricoeur, 2000, p. 295). Tal equívoco pode encontrar fundamento, segundo Ricoeur tanto em Aristóteles¹¹ como no próprio Henle¹².

No parágrafo 4, em sua defesa da semelhança, Ricoeur busca responder à objeção ao estatuto lógico da semelhança:

A única maneira de abordar o problema da imaginação oriundo de uma teoria semântica, isto é, do plano verbal, é começar pela imaginação produtiva no sentido kantiano, adiando, por tanto tempo quanto seja possível, o da imaginação reprodutiva, do imaginário. Tratada como esquema, a imagem apresenta uma dimensão verbal, e, antes de ser o lugar dos perceptos desbotados, ela é o das significações nascentes. Do mesmo modo que o esquema é a matriz da categoria, o ícone o é da nova pertinência semântica que nasce do dismantelamento das áreas semânticas sob o choque da contradição (Ricoeur, 2000, p. 306).

A teoria da metáfora de Ricoeur não transpõe, apenas explora, a fronteira entre semântica e psicologia. Tal exploração é levada adiante com o auxílio da

⁹ O papel universal da semelhança é manifesto na seguinte declaração de Aristóteles, no fim da Poética, citada por Ricoeur: “A maior coisa é, de longe, o uso da metáfora, só que isto não pode ser ensinado: é dom de gênio, pois usá-la bem é ver o semelhante” (Ricoeur, 2000, p. 295).

¹⁰ Analogia segundo o uso aristotélico: proporcionalidade ou semelhança de proporções (que implica quatro termos). A noção de comparação (*eikon*) é próxima da analogia-proporcionalidade, com a diferença de envolver apenas dois termos.

¹¹ Quando afirma que uma metáfora vivente é a que põe sob os olhos.

¹² Em sua descrição do caráter icônico da metáfora.

disciplina mista da psicolinguística¹³. Como autores representativos da disciplina, Ricoeur cita Gaston Esnault e Albert Henry.

Para Esnault, as operações postas em jogo pelas figuras (metáfora, metonímia e sinédoque) reduzem-se a ampliar ou restringir a extensão ou compreensão da noção. A sinédoque é uma modificação da extensão, enquanto a metáfora e a metonímia são modificações da compreensão. A metonímia segue a ordem das coisas e procede analiticamente, enquanto a metáfora é um modo sintético e intuitivo de compreensão, por uma reação que parte da imaginação e atinge a imaginação: “Eis por que a equivalência imaginativa instaurada pela metáfora exerce mais violência sobre o real do que a metonímia que respeita os liames inscritos nos fatos” (Ricoeur, 2000, p. 308).

Mas não foi Esnault, senão outro expoente da psicolinguística, Henry, quem estabeleceu, segundo Ricoeur, os fundamentos psicolinguísticos que são a base indispensável para uma análise estilística saudável. Segundo Henry, na tríade sinédoque-metonímia-metáfora está em ação uma única *operação do espírito*¹⁴, que se apresenta num grau simples na sinédoque e na metonímia¹⁵ e num segundo grau, mais complexo, na metáfora.

Ricoeur considera o acento da operação na abordagem das figuras a principal contribuição da psicolinguística, já que ela permite “distinguir das figuras mortas as figuras em estado nascente, as metonímias novas, que põem em jogo uma *percepção seletiva em ato*” (Ricoeur, 2000, p. 310). E em contrapartida, sua fraqueza é a redução da metáfora à metonímia, fruto da “associação desigual entre teoria das operações e teoria dos campos semânticos, à qual falta um momento propriamente semântico” (Ricoeur, 2000, p. 312).

No último parágrafo do *Estudo VI*, Ricoeur aborda o problema psicolinguístico da relação da ilusão imaginativa à identificação¹⁶. A questão central tratada é a possibilidade de uma psicolinguística da ilusão imaginativa. O

¹³ Disciplina que “faz convergir em uma nova disciplina a análise componencial dos campos sêmicos e as operações do espírito que percorre (sic) esses campos” (Ricoeur, 2000, p. 307). O acento nas operações e não no seu conteúdo (imagens, conceitos) diferencia a psicolinguística da psicologia pre-linguística. A crítica de Ricoeur a tais psicologias (entre as quais as versões sucessivas da associação de idéias) é a de ter feito uma representação mecânica das relações entre esses conteúdos (imagens, conceitos).

¹⁴ A concentração sêmica, mecanismo criador de base.

¹⁵ Expressão simples, no plano das figuras, da concentração sêmica.

¹⁶ Lembrando que para A. Henry, o problema central da expressão metafórica tem três momentos: a dupla operação metonímica, a identificação e a ilusão imaginativa.

objetivo de Ricoeur é “integrar o aspecto da imagem mais próxima do plano verbal que chamamos, em uma linguagem quase kantiana, a esquematização metafórica” (Ricoeur, 2000, p. 317)¹⁷. Para tal exame Ricoeur recorre ao pensamento de M. B. Hester, que trata o problema tipicamente psicolingüístico da junção entre ‘dizer’ e ‘ver como’: “apresenta-se a questão de saber se, na ausência de uma trajetória do imaginário ao discurso¹⁸, não se pode e não se deve tentar o trajeto inverso e considerar a imagem o último momento de uma teoria semântica que a recusou no momento inicial” (Ricoeur, 2000, p. 317).

A investigação visa encontrar o ponto de inserção do psicológico no semântico, o ponto em que, na própria linguagem, sentido e sensível se articulam. Tal investigação não pode ser preterida por uma teoria da metáfora, já que, segundo Ricoeur, é a ligação entre um momento lógico e outro sensível (ou verbal e não verbal) que a metáfora deve a concretude que parece pertencer-lhe por essência.

As teses centrais de Hester, a fusão do sentido e dos sentidos¹⁹, a densidade da linguagem tornada material²⁰ e a virtualidade da experiência articulada pela linguagem não referencial²¹, sofrem um rearranjo devido aos traços característicos do ato de ler (suspensão e abertura). A iconicidade da linguagem poética²², em contraste com a simples associação, implica um controle da imagem pelo sentido. O poeta é “o artesão que suscita e modela o imaginário pelo simples jogo de linguagem” (Ricoeur, 2000, p. 323).

Segundo Ricoeur, a contribuição positiva de Hester a uma teoria icônica da metáfora é sua explicação relacionada à noção de ‘ver como’: “relação intuitiva

¹⁷ De maneira mais desenvolvida: a possibilidade da psicolingüística de franquear o limite do aspecto verbal da imaginação e “acrescentar a uma teoria semântica da metáfora o aspecto propriamente *sensível* da imagem”

¹⁸ O tema da “ausência de uma trajetória do imaginário ao discurso” está fechado para Ricoeur, em cuja teoria semântica da metáfora o jogo da semelhança está contido nos limites da operação predicativa, portanto, do discurso.

¹⁹ A linguagem poética apresenta certa “fusão” entre o sentido e os sentidos que a distingue da linguagem não-poética na qual o caráter arbitrário e convencional do signo libera, tanto quanto possível, o sentido do sensível.

²⁰ Na linguagem poética, o par sentido-sentidos tende a produzir um objeto fechado sobre si. A linguagem torna-se ela mesma “material”, como a mármore para o escultor (o signo é *looked at* e não *looked through*).

²¹ O fechamento sobre si da linguagem lhe permite articular e apresentar a experiência de uma vida virtual.

²² Por “iconicidade da linguagem poética”, Ricoeur entende a íntima relação entre imagem e metáfora, já identificada por Aristóteles em sua expressão “pôr sob os olhos”. A iconicidade é mais apropriada do que a imagem associada, na perspectiva de Ricoeur, pela precedência que ela implica da linguagem sobre a imagem.

que mantém juntos o sentido e a imagem” (Ricoeur, 2000, p. 324), “metade pensamento e metade experiência” (Ricoeur, 2000, p. 325). A metáfora participa assim do poder pictórico da linguagem.

Como exemplo de tal poder, Ricoeur remete à metáfora tempo-mendigo: “representar o tempo sob os traços de um mendigo é ver o tempo como um mendigo; é o que fazemos quando lemos a metáfora, pois ler é estabelecer uma relação tal que X seja como Y em alguns sentidos, mas não em todos” (Ricoeur, 2000, p. 325)²³. O ‘ver como’ “é a face sensível da linguagem poética, semi-pensamento, semi-experiência; é a relação intuitiva, que mantém juntos o sentido e a imagem. Como? Essencialmente por seu caráter seletivo” (Ricoeur, 2000, p. 326). ‘Ver como’ “é a um só tempo uma experiência²⁴ e um ato²⁵” (Ricoeur, 2000, p. 326), que “assegura a implicação do imaginário na significação metafórica” (Ricoeur, 2000, p. 326):

Essa antecedência do ‘ver como’ sobre a relação de semelhança é própria ao jogo de linguagem pelo qual o sentido funciona de maneira icônica. Eis porque o ‘ver como’ pode fracassar: fracassar, como nas metáforas forçadas porquanto inconsistentes ou fortuitas, ou, ao contrário, como nas metáforas banais e usadas; ter êxito, como nas que facilitam a surpresa e o achado (Ricoeur, 2000, p. 326).

A conclusão do *Estudo VI* é que a reinterpretação da teoria da fusão (do sentido e do sensível) a partir do ‘ver como’ é compatível com a teoria da interação e da tensão metafóricas.

3.3 Metáfora e referência

²³ A colisão semântica própria do enunciado metafórico, o absurdo aparente de chamar, por exemplo, o tempo de mendigo, é o avesso do “ver como”: o poeta, artesão de instruções para construir imagens, leva o leitor pela mão para pôr o tempo sob seus olhos, não como um frio conceito, mas como se fosse um mendigo. Ver o tempo como mendigo é vê-lo andar vagaroso e sem rumo fixo, pobremente vestido, em contínua solicitação da generosidade dos homens e de Deus. Tal multiplicação de visões sobre o tempo, e as próprias emoções que ela suscita, possuem um claro valor cognoscitivo; configuram o sentido que amortece a colisão semântica, desarticula o absurdo aparente, e levam o poeta, e também o leitor, a pensar mais (não apenas quantitativamente, mas sobretudo qualitativamente) sobre o tempo; nisto consiste o potencial icônico da metáfora.

²⁴ O fluxo de imagens escapa a todo controle voluntário (...) nenhuma regra ensina a “ter imagens”; vê-se ou não se vê.

²⁵ Compreender é fazer alguma coisa. A imagem não é livre, mas ligada. O “ver como” ordena o fluxo, regula o desdobramento icônico.

No *Estudo 7*, Ricoeur começa por distinguir os dois níveis semântico²⁶ e hermenêutico²⁷, nos quais pode ser posta a questão da referência. A partir da hipótese de que a distinção realizada por Frege (nos limites de uma teoria lógica) entre sentido²⁸ e referência²⁹ vale para todo discurso, Ricoeur afirma que o postulado da referência exige uma elaboração distinta quando concerne às entidades particulares de discurso que se denominam ‘textos’, sobretudo devido à consideração das categorias práticas da produção e da composição: “Antes de tudo, o discurso é a sede de um trabalho de composição, ou de ‘disposição’ – para retomar a palavra da antiga retórica-, que faz de um poema ou de um romance uma totalidade irreduzível a uma simples soma de frases” (Ricoeur, 2000, p. 336).

Ainda no primeiro parágrafo do *Estudo 7*, Ricoeur explicita a tarefa hermenêutica³⁰ que se encontra no centro de *A metáfora viva*. Com efeito “a querela que está em causa” na obra é “o direito de passar da estrutura, que é para a obra complexa o que o sentido é para o enunciado, ao mundo da obra, que é para esta o que a denotação é para o enunciado” (Ricoeur, 2000, p. 337). A justificação dessa passagem (da estrutura para o mundo da obra) terá que ser distinta para as obras literárias³¹:

Este se enuncia deste modo: por sua estrutura própria, a obra literária só desvela um mundo sob a condição de que se suspenda a referência do discurso descritivo. Ou, para o dizer em outras palavras: na obra literária, o discurso desvela sua denotação como uma denotação de segunda ordem, graças à suspensão da denotação de primeira ordem do discurso (Ricoeur, 2000, p. 338).

No segundo parágrafo do *Estudo 7*, Ricoeur procede a uma análise da argumentação contra a referência, definindo em primeiro lugar o nível no qual se realiza tal argumentação: o nível hermenêutico ou da obra. Em tal sentido, retomando Beardsley, Ricoeur afirma que: “é na medida em que a metáfora é um poema em ‘miniatura’, que ela diz algo sobre algo” (Ricoeur, 2000, p. 339).

²⁶ Nível das entidades do discurso do nível da frase.

²⁷ Nível das entidades do discurso de maior dimensão que a frase.

²⁸ O que diz a proposição.

²⁹ Ou denotação: sobre o que o sentido é dito.

³⁰ Ricoeur define a hermenêutica como a “teoria que regula a transição da estrutura da obra ao mundo da obra. Interpretar uma obra é desvendar o mundo ao qual ela se refere em virtude de sua “disposição”, de seu “gênero” e de seu “estilo”” (*A metáfora viva*, p. 337).

³¹ Já que a produção do discurso como “literatura” implica que a relação do sentido à referência é suspensa. Com efeito, para Frege, “O desejo de verdade que faz avançar do sentido para a denotação só é expressamente atribuído por Frege aos enunciados da ciência, e parece justamente ser recusado aos da poesia” (*A metáfora viva*, p. 338).

A seguir, Ricoeur avalia o *argumento lingüístico* contra a referência poética: “a estratégia de linguagem própria à poesia, isto é, à produção do poema, parece justamente consistir na constituição de um sentido que intercepta a referência e, no limite, anula a realidade” (Ricoeur, 2000, p. 339). Essa afirmação é extraída, segundo Ricoeur, de uma análise puramente lingüística da função poética. Contra o *argumento lingüístico*, Ricoeur afirma que “a prevalência de uma função não significa a anulação das outras; somente sua hierarquia é alterada, pois os próprios gêneros poéticos se distinguem pela maneira como as outras funções interferem na função poética” (Ricoeur, 2000, p. 340-341).

De Roman Jakobson, Ricoeur pretende reter a noção de referência duplicada com seu “isso era e não era”³², “que contém *in nuce*”³³ tudo o que pode ser dito sobre a verdade metafórica” (Ricoeur, 2000, p. 343).

Em segundo lugar, depois do *argumento lingüístico*, Ricoeur apresenta o *argumento da crítica literária* contra a referência poética, que se apoia a) na fusão do som e do sentido e b) na fusão do sentido e das imagens que simultaneamente se multiplicam a partir do sentido e que não são reguladas por ele (Ricoeur, 2000, p. 344)³⁴. Tal crítica é radicalizada por Northrop Frye, quem generaliza a análise da poesia para toda obra literária.

Para Frye, “no discurso literário, o símbolo nada representa fora de si mesmo, mas religa, no seio do discurso, as partes ao todo (...) Metafísica e teologia afirmam, asseveram; a poesia, ignorando a realidade, limita-se a forjar uma ‘fábula’” (Ricoeur, 2000, p. 345).

De Northrop Frye, Ricoeur conserva a afirmação de que “A unidade de um poema – diz ele- é a unidade de um estado da alma (*mood*)”, já que para o autor de *A metáfora viva*, dizer “que as imagens sugerem ou evocam o estado da alma que

³² O “isso era e não era” se encontra inserido na seguinte afirmação de Jakobson, citada por Ricoeur: “A uma mensagem de duplo sentido correspondem um emissário duplicado, um destinatário duplicado e, além disso, uma referência duplicada – isso é nitidamente ressaltado, em numerosos povos, pelos preâmbulos dos contos de fadas; assim, por exemplo, o exórdio habitual dos contadores maiorquinos: “Aixo era y no era” (isso era e não era)” (Ricoeur, 2000, p. 343).

³³ Locução latina que significa “em embrião” ou “em projeto”.

³⁴ Ricoeur incorpora a descrição de Hester dos dois fenômenos: “A fusão do sentido e do som não é mais, então, o fenômeno central, mas a ocasião de um desvelamento imaginário aderente ao som; ora, com a imagem surge o momento fundamental da “suspensão”, da *epokhé*, da qual Hester empresta a noção de Husserl para aplicá-la ao *jogo não-referencial de produção de imagens na estratégia poética*. A abolição da referência, própria ao efeito do sentido poético, é, portanto, por excelência obra da *epokhé* que torna possível o funcionamento icônico do sentido e dos sensa, firmado pelo funcionamento icônico do som e do sentido” (Ricoeur, 2000, p. 344).

informa o poema é confirmar que o *mood* é centrípeto, como a linguagem que o transmite” (Ricoeur, 2000, p. 346-347).

Essa afirmação de Frye fará parte da resposta de Ricoeur ao o último argumento contra a referência poética, compatível com os argumentos lingüístico e da crítica literária: o *argumento epistemológico*, que é, segundo Ricoeur, “um postulado importado da filosofia para a literatura [que] diz que não há verdade fora da verificação possível (ou da falsificação) e que toda verificação, em última análise, é empírica, segundo os procedimentos científicos” (Ricoeur, 2000, p. 346-347). Esse postulado, que impõe as alternativas cognitivo-psicológico e denotação-conotação, não é, segundo Ricoeur, apropriado para a poética, como testemunha o pensamento de Frye: as emoções e sentimentos têm na poesia função cognitiva: a tristeza poética, por exemplo, é uma “modalidade de consciência das coisas” (Ricoeur, 2000, p. 348), uma “maneira original e específica de apreender o mundo” (Ricoeur, 2000, p. 348).

No terceiro parágrafo do *Estudo 7*, Ricoeur elabora uma teoria da denotação generalizada, que incorpora a suspensão da referência do discurso descritivo como condição negativa para a liberação de uma referência mais fundamental cuja explicitação é tarefa da interpretação.

Segundo Ricoeur, “é na própria análise do enunciado metafórico que deve enraizar-se uma concepção referencial da linguagem poética que dê conta da abolição da referência da linguagem ordinária e se regule sobre o conceito de referência duplicada” (Ricoeur, 2000, p. 351). Segundo essa análise, “a autodestruição do sentido, sob a influência da impertinência semântica, é apenas o inverso de uma inovação de sentido do enunciado inteiro, inovação obtida pela ‘torção’ do sentido literal das palavras. Essa inovação de sentido constitui a metáfora viva” (Ricoeur, 2000, p. 351).

A partir dessa análise, Ricoeur constrói, por argumento de proporcionalidade, a referência metafórica: “a outra referência, a que buscamos, seria para a nova pertinência semântica o que a referência abolida é para o sentido literal que a impertinência semântica destruiu” (Ricoeur, 2000, p. 351).

Ricoeur, não satisfeito com o argumento de proporcionalidade, visa mostrar a referência metafórica em ação: o jogo da semelhança implica a instauração de uma nova proximidade não só entre significações até então afastadas entre si mas também entre as coisas mesmas, o surgimento de uma nova maneira de ser.

Nesse contexto Ricoeur introduz o pensamento de Nelson Goodman, quem na sua obra *Languages of art* desenvolve, segundo o autor de “A metáfora viva”, uma teoria denotativa da metáfora. O corolário da obra contém a recusa da distinção entre cognitivo e emotivo (anti-emocionalismo³⁵) que, segundo Ricoeur, serve de sustento para a proximidade entre símbolos verbais e não-verbais.

O critério de avaliação da simbolização é sua eficiência cognitiva. O objetivo de Goodman é o “estudo sistemático dos símbolos e dos sistemas de símbolos e da maneira pela qual eles funcionam em nossas percepções e em nossas ações, nossas artes e nossas ciências, e portanto na criação e compreensão de nossos mundos” (Ricoeur, 2000, p. 354).

Em sua interpretação do pensamento de Goodman, Ricoeur começa por sublinhar sua definição de denotação³⁶: “a denotação deve ser definida logo de maneira muito ampla, de modo a subsumir o que faz a arte, a saber representar³⁷ alguma coisa, e o que faz a linguagem, a saber, descrever” (Ricoeur, 2000, p. 356).

A denotação, identificada provisoriamente com a referência, supõe apenas um dos movimentos da mesma: etiquetar³⁸. O movimento contrário, que é exemplificar, segundo Ricoeur, desperta o interesse de Goodman devido a que para ele “a metáfora é uma transferência que afeta a posse dos predicados por alguma coisa singular, mais que a aplicação desses predicados a alguma coisa” (Ricoeur, 2000, p. 357).

A dupla etiquetar-exemplificar permite a definição de metáfora, feita por Goodman, como “aplicação insólita, isto é, a aplicação de uma etiqueta familiar, cujo uso tem, por conseqüência, um passado, a um objeto novo que, primeiramente, resiste, mas depois cede” (Ricoeur, 2000, p. 359).

³⁵ “Na experiência estética, as emoções funcionam de modo cognitivo” (Ricoeur, 2000, p. 353).

³⁶ A denotação é identificada em um primeiro momento com a referência. As operações simbólicas, verbais e não verbais, são substituídas por uma única função, a referencial.

³⁷ Com isto Ricoeur quer se afastar da definição de representação como cópia. Representar é para ele “um dos modos pelos quais a natureza tonra-se um produto da arte e do discurso” (Ricoeur, 2000, p. 356). Segundo Ricoeur, apesar de reconhecer que representar é denotar, Goodman recua diante da possibilidade aberta por essa identificação, de concluir que “o inexistente também contribui para modelar o mundo” (Ricoeur, 2000, p. 356). Goodman procede a identificar simbolizar (representar ou descrever) o inexistente com caracterização. Para Ricoeur, essa identificação impede a confusão entre caracterização e cópia, mas não explica “como, no caso da denotação nula, a simbolização pode fazer ou refazer o que é pintado” (Ricoeur, 2000, p. 356).

³⁸ Segundo Ricoeur, há em Goodman duas maneiras de referir-se: denotar e exemplificar. Dessa maneira, a referência é uma noção mais ampla que a denotação.

A transferência implicada na metáfora não é apenas de um predicado isolado (*figura*), mas também pode ser transposição de um esquema ou reino de predicados, na qual um reino inteiro é transposto, por exemplo, os sons na ordem visual: “Falar da sonoridade de um pintura não é mais fazer emigrar um predicado isolado, mas assegurar a incursão de todo um reino sobre um território estrangeiro” (Ricoeur, 2000, p. 360).

Há em Goodman a possibilidade de uma verdade metafórica determinada pela sintonia com a lei do emprego das etiquetas, que é a regra do precedente (isto é, da origem do reino): “a organização efetuada no reino estrangeiro é guiada pelo emprego da rede inteira no reino de origem” (Ricoeur, 2000, p. 360). Contudo, segundo Ricoeur, “o nominalismo de Goodman o impede de procurar afinidades na natureza das coisas ou em uma constituição eidética da experiência” (Ricoeur, 2000, p. 361).

Ricoeur sublinha dois elementos do pensamento de Goodman compatíveis com sua teoria da metáfora (com acento na tensão e não na substituição): a transferência enquanto tal passa a primeiro plano (enfraquecimento da metáfora-figura, reforço da generalidade da metáfora-função) e união da metáfora verbal e expressão metafórica não verbal no plano da referência, conseguida pelo autor através do ordenamento regulado das categorias fundamentais da referência: denotação-exemplificação (etiqueta-amostra), descrição e representação (símbolos verbais e não verbais), posse e expressão (literal e metafórica).

Ricoeur incorpora de maneira crítica³⁹ três elementos da análise de Goodman: em primeiro lugar, “a poesia, enquanto sistema simbólico, comporta uma função referencial igual à do discurso descritivo” (Ricoeur, 2000, p. 364), em segundo lugar, tratamento dos sons, imagens e sentimentos, que aderem ao sentido (os *sensa*) como representações que exemplificam, transferindo a posse de qualidades reais, que pertencem às coisas, e em terceiro lugar, as qualidades poéticas são ‘verdadeiras’ ou ‘apropriadas’, na medida em que combinam evidência e surpresa, conveniência e novidade.

³⁹ Falta ao pensamento de Goodman uma explicação satisfatória, segundo Ricoeur, “da estratégia própria ao discurso poético que é a da *epokhé* da referência descritiva” (Ricoeur, 2000, p. 364), em segundo lugar, uma incapacidade para ligar os fenômenos de ficção e redescrição (Cf. Ricoeur, 2000, p. 365) e finalmente a limitação devida ao nominalismo de Goodman, já que para Ricoeur há indícios de que “a linguagem não somente organizou de outro modo a realidade, mas também que tornou manifesta uma maneira de ser das coisas, que, graças à inovação semântica, é trazida à linguagem” (Ricoeur, 2000, p. 365).

“No discurso metafórico da poesia a potência referencial é reunida ao eclipse da referência ordinária” (Ricoeur, 2000, p. 365).

No parágrafo 5 do *Estudo 7*, intitulado *Modelo e metáfora*, o argumento central, colocado por Ricoeur é que “a metáfora é para a linguagem poética o que o modelo é para a linguagem científica, quanto à relação com o real” (Ricoeur, 2000, p. 366).

O modelo, instrumento de redescrição, pertence à lógica da descoberta e “comporta um processo cognitivo, um método racional que tem seus próprios cânones e princípios” (Ricoeur, 2000, p. 366).

Ricoeur introduz a hierarquia dos modelos feita por Max Black, quem considerou no nível mais baixo da mesma os *modelos de escala* (modelo sensível, que traz para nossa estatura o que é demasiado grande ou demasiado pequeno); os *modelos análogos*⁴⁰ no segundo nível (modelo e original se assemelham pela estrutura e não pela aparência); e no terceiro nível os *modelos teóricos*, que introduzem uma linguagem própria, na qual o original é descrito sem ser construído.

Ricoeur também introduz o desafio epistemológico destacado por Mary Hesse: “Modificar e completar o modelo dedutivo de explicação científica e conceber a explicação teórica como a redescrição metafórica do domínio do explanandum” (Ricoeur, 2000, p. 369), que comporta duas ênfases. De acordo com a primeira ênfase (explicação), “o recurso à redescrição metafórica é uma consequência da impossibilidade de obter uma estrita relação de dedução entre *explanans* e *explanandum*; quando muito, pode-se contar com uma ‘conveniência aproximada’” (Ricoeur, 2000, p. 369). De acordo com a segunda ênfase (redescrição), “o último problema posto pelo uso do modelo é o problema da referência metafórica (...) ‘A racionalidade –diz Mary Hesse- consiste precisamente na adaptação contínua de nossa linguagem a um mundo em contínua expansão, e a metáfora é um dos principais meios pelos quais isto se efetua’” (Ricoeur, 2000, p. 370).

O que interessa a Ricoeur é “a ação retroativa da teoria do modelo sobre a teoria da metáfora” (Ricoeur, 2000, p. 370): Em primeiro lugar, o correspondente

⁴⁰ Como exemplos de modelo análogo, Ricoeur fala dos modelos hidráulicos de sistemas econômicos e o emprego de circuitos elétricos nas calculadoras eletrônicas.

do modelo, do lado poético não é um enunciado metafórico, mas uma metáfora continuada (fábula, alegoria), uma rede metafórica⁴¹ e não uma metáfora isolada.

Um segundo benefício da passagem pelo modelo é, segundo Ricoeur, a posta em relevo da conexão entre função heurística e descrição (Cf. Ricoeur, 2000, p. 373). Ricoeur recua até Aristóteles para defender a metaforicidade fundamental do *mythos*⁴², sua desdobrabilidade sistemática, que a *mimesis* explora para descrever o domínio menos conhecido da realidade humana. O que é válido para a poesia trágica, Ricoeur também o aplica à poesia lírica: “O sentimento⁴³ articulado pelo poema não é menos heurístico que o enredo trágico”. Ricoeur propõe uma síntese entre os momentos ‘para dentro’ e ‘para fora’ do poema, o primeiro designando o abandono da referência costumeira, a elevação do sentimento ao hipotético, a criação de uma ficção afetiva e o segundo consistindo na *mimesis* lírica que abre e descobre o mundo (Cf. Ricoeur, 2000, p. 374). No fim do parágrafo 4, Ricoeur verbaliza belamente a síntese dos dois momentos: “o sentimento poético, também ele, desenvolve uma experiência de realidade em que inventar e descobrir deixam de opor-se e na qual criar e revelar também coincidem” (Ricoeur, 2000, p. 376).

No último parágrafo do *Estudo 7*, intitulado *Por um conceito de verdade metafórica*, Ricoeur procura justificar uma conclusão do parágrafo anterior: “Pode-se arriscar a falar de verdade metafórica para designar a intenção ‘realista’ que se vincula ao poder de redescritção da linguagem poética” (Ricoeur, 2000, p. 376). Essa justificação implica que “a teoria da tensão (...) seja estendida à relação referencial do enunciado metafórico ao real” (Ricoeur, 2000, p. 376-377)⁴⁴.

Ricoeur propõe sua concepção tensional de verdade metafórica como síntese de duas posturas opostas e inadequadas: a ingenuidade ontológica na avaliação da

⁴¹ Ricoeur sublinha a importância, na constituição dessa rede, das “root metaphors”, caracterizadas pela sua “radicalidade” e “sistematicidade”. Essas duas características definem a potência paradigmática de tais metáforas (Cf. Ricoeur, 2000, p. 371-372).

⁴² O *mythos* apresenta, segundo Ricoeur, os traços de radicalidade e organização em rede que Black concedia aos arquétipos (redes metafóricas).

⁴³ O que N. Frye chamava “*mood*” ou estado da alma que informa o poema. Ricoeur considera essa terminologia emocionalista e propõe “os esquemas poéticos da vida interior” de Douglas Berggren (Cf. Ricoeur, 2000, p. 375). O importante para Ricoeur é ressaltar que “o sentimento poético, em suas expressões metafóricas, manifesta a indistinção do interior e do exterior” (Cf. Ricoeur, 2000, p. 375). Em outras palavras “há uma reciprocidade do dentro e do fora” (Cf. Ricoeur, 2000, p. 375).

⁴⁴ Segundo Ricoeur, a obra aplicou a idéia de tensão, antes do parágrafo final do Estudo VII, apenas no nível de sentido imanente ao enunciado. A nova aplicação de tensão “concerne à própria

verdade metafórica (ignorância do ‘nao é’ implícito) e a redução do ‘é’ ao ‘como se’, sob a pressão crítica do ‘não é’. O método assumido é uma “discussão dialética de opiniões” (Ricoeur, 2000, p. 379).

O momento da veemência ontológica (ingênuo, não crítico), definido como “dizer *aquilo que é*” é, segundo Ricoeur, bem atestado pela experiência poética. Segundo o autor de *A metáfora viva*, a partir do pacto entre imagem, tempo e contemplação, selado por uma filosofia da vida⁴⁵, autores de uma certa crítica literária⁴⁶ procuraram dar conta do momento extático da linguagem⁴⁷. Ricoeur introduz o pensamento de Wheelwright, para quem “a metáfora é a tensão da *epiphor*⁴⁸ e da *diaphor*⁴⁹ (...) [que] assegura a própria transferência do sentido e confere à linguagem poética seu caráter de ‘mais-valia’ semântica, seu poder de abertura para novos aspectos, novas dimensões, novos horizontes de significação” (Ricoeur, 2000, p. 381). A tensão é abordada por Wheelwright mais no seu aspecto vital do que lógico (o que é manifesto na expressão *tensive aliveness*), o que garante a afinidade com uma realidade com traços ontológicos correspondentes: “A realidade trazida à linguagem pela metáfora é dita *presential and tensive, coalescent and interpenetrative, perspectival and hence latent* – em síntese, *revealing itself only partially, ambiguously, and though symbolic indirection*” (Ricoeur, 2000, p. 382). É aqui que Ricoeur insere sua crítica: “Em todos esses traços domina a indistinção: a presença é inflamada por um ato *responsive-imaginative* e ela mesma responde a esta resposta numa espécie de encontro” e, mais adiante, conclui que a tendência dialética da teoria de Wheelwright “é abafada pela tendência vitalista e intuicionista que, finalmente, o conduz à Metapoética do ‘*What is*’” (Ricoeur, 2000, p. 383).

Segundo Ricoeur, “a contrapartida dialética da ingenuidade ontológica é oferecida por Turbayne em *The Myth of Metaphor*” (Ricoeur, 2000, p. 383). Turbayne busca distinguir uso e abuso da metáfora, definindo o abuso como mito

referência e à pretensão do enunciado metafórico de atingir de certo modo a realidade” (Ricoeur, 2000, p. 377).

⁴⁵ Referência a Bergson, em cujo pensamento, segundo Ricoeur “a unidade da visão e da vida é levada ao cimo da filosofia” (Ricoeur, 2000, p. 380).

⁴⁶ Além de Bergson, Ricoeur cita Coleridge e Schelling como representantes dessa corrente de crítica literária.

⁴⁷ Ricoeur caracteriza o momento extático da linguagem como “a linguagem fora de si” (Ricoeur, 2000, p. 379).

⁴⁸ A *epiphor*, para Wheelwright, aproxima e funde os termos por assimilação imediata no nível da imagem.

⁴⁹ A *diaphor*, para Wheelwright, procede mediatamente e por combinação de termos discretos.

(no sentido epistemológico e não antropológico): poesia mais crença (*believed poetry*). O que inclina o uso metafórico ao mito é o caráter não apropriado da atribuição metafórica (erro categorial calculado). A vigilância crítica de Turbayne é de natureza distinta para os modelos científicos e para as metáforas poéticas. No primeiro caso, afirma Ricoeur, “fazer explodir o mito é fazer aparecer o modelo como metáfora” (Ricoeur, 2000, p. 385)⁵⁰, e, no segundo, o acréscimo do índice crítico do *como se* (Cf. Ricoeur, 2000, p. 385). A consciência crítica da distinção entre uso e abuso conduz, segundo Ricoeur, “ao re-emprego (*re-use*) das metáforas, na busca sem fim de metáforas outras, e mesmo da melhor metáfora possível” (Ricoeur, 2000, p. 385).

As duas observações de Ricoeur ao enfoque crítico de Turbayne são: Por um lado, a possibilidade de considerar o nível pre-científico ou ante-predicativo da linguagem poética, que coloca em questão as categorias epistemológicas de fato, objeto, realidade e verdade. Em segundo lugar, a crítica de Turbayne é aplicável apenas às metáforas enquanto manipuláveis (que podemos usar, não usar ou inclusive re-usar); diante dessa abordagem da metáfora Ricoeur coloca uma questão provocadora: “Podem-se criar metáforas sem nelas acreditar e sem acreditar que, de certo modo, isso é?” (Ricoeur, 2000, p. 387).

Da convergência das críticas à ingenuidade ontológica e da desmitização, Ricoeur encontra sustento para reiterar a tese do caráter ‘tensional’ da verdade metafórica e do ‘é’ que conduz a afirmação:

A crítica interna ajuda somente a reconhecer o que é assumido e aquilo a que se compromete aquele que fala e que emprega metaforicamente o verbo ser. Ao mesmo tempo, ela enfatiza o caráter de paradoxo incontornável que se vincula a um conceito metafórico de verdade. O paradoxo consiste em que não há outro modo de fazer justiça à noção de verdade metafórica senão incluindo o aguilhão crítico do ‘não é’ (literalmente) na veemência ontológica do ‘é’ (metaforicamente). Nisto, a tese não faz senão extrair a consequência mais extrema da teoria da tensão (Ricoeur, 2000, p. 388).

3.4 Metáfora e discurso filosófico

O *Estudo 8* de *A metáfora viva* visa, segundo Ricoeur, responder à questão: “qual filosofia está implicada no movimento que conduz a investigação da

⁵⁰ Os exemplos de mitos em epistemologia são, de acordo com o pensamento de Turbayne, “teorias científicas em que o indício de ficção, na verdade, se perdeu de vista” (Ricoeur, 2000, p.

retórica à semântica e do sentido à referência?” (Ricoeur, 2000, p. 391)⁵¹. Responder a essa questão é o mesmo que tematizar os pressupostos da hermenêutica e da semântica que permitiram Ricoeur “referir para a cópula, tomada no sentido de ser como, o objetivo ontológico da enunciação metafórica” (Ricoeur, 2000, p. 391).

Os três primeiros parágrafos do *Estudo 8* são uma “defesa da descontinuidade entre discurso especulativo e poético⁵² e uma refutação de alguns modos errôneos, a nosso ver, de compreender a conexão entre discurso especulativo e discurso poético” (Ricoeur, 2000, p. 392) e são dedicados a Aristóteles, Santo Tomás e Heidegger respectivamente.

Dos três pensadores, apenas faremos referência ao segundo, por estar mais diretamente relacionado com nosso trabalho. Já que no quarto e quinto capítulos nos dedicaremos à comparação entre Santo Tomás e Ricoeur, reservaremos a esse momento do nosso trabalho tal referência. Agora procedemos a apresentar os dois parágrafos finais de *A metáfora viva*, intitulados: *A intersecção das esferas de discurso e Explicitação ontológica do postulado da referência*.

No início do penúltimo parágrafo do *Estudo 8*, Ricoeur esclarece a utilidade dos anteriores parágrafos, especialmente a polêmica com Heidegger e Derrida: “A discussão anterior fez surgir a estreita conexão entre as duas questões do conteúdo da ontologia implícita e do modo de implicação entre discurso poético e discurso especulativo” (Ricoeur, 2000, p. 453). A tarefa que tem por diante consiste agora em “declarar em termos positivos o que pôde ser dito pelo desvio da polêmica” (Ricoeur, 2000, p. 453), o que, para Ricoeur, se desdobra em: “edificar sobre a diferença reconhecida entre modalidades de discurso uma teoria geral das intersecções entre esferas do discurso e propor uma interpretação da ontologia implícita aos postulados da referência metafórica que satisfaça essa dialética das modalidades do discurso” (Ricoeur, 2000, p. 453-454). Segundo Ricoeur, é à filosofia que cabe a responsabilidade de tal edificação, por ser do seu domínio a “arte de ordenar as multiplicidades reguladas. É neste espírito que importa fundar

385).

⁵¹A estratégia de Ricoeur é “fazer progredir simultaneamente a investigação sobre (...) a ontologia a ser explicitada, a questão sobre a implicação em ação no jogo do implícito e do explícito” (Ricoeur, 2000, p. 392).

⁵²Ricoeur defende “um relativo pluralismo ds formas e dos níveis de discurso” (Ricoeur, 2000, p. 392). Entre os modos de discurso, Ricoeur enumera: discurso poético, discurso científico, discurso religioso e discurso especulativo.

sobre a fenomenologia dos objetivos semânticos de cada um dos discursos uma teoria geral de suas interferências” (Ricoeur, 2000, p. 454).

Em primeiro lugar, Ricoeur afirma que a articulação conceitual própria à modalidade especulativa do discurso encontra no funcionamento semântico da enunciação metafórica sua possibilidade (Cf. Ricoeur, 2000, p. 455). Tal funcionamento é, segundo Ricoeur, dinâmico, marcado pela *historicidade* da relação de mútuo apoio (ou *circularidade*) entre predicação e referência, “conduzida pelo esforço de expressão de um locutor que, querendo dizer uma nova experiência, procura na rede já fixada de significações um portador adequado de sua intenção” (Ricoeur, 2000, p. 457).

A enunciação metafórica opera sobre dois campos de referência (um conhecido, com significação direta e outro para o qual não há significação direta): o objetivo semântico projeta uma rede de predicados que já funcionam em um campo de referência familiar (sentido constituído) em um novo campo de referência para fazer surgir uma nova configuração. Para que isso aconteça, segundo Ricoeur, concorrem “o efeito gravitacional exercido pelo segundo campo de referência sobre a significação –e que confere a esta a força para abandonar sua região de origem- e o dinamismo da própria significação, enquanto princípio indutor de sentido” (Ricoeur, 2000, p. 459). O objetivo semântico é o que põe em relação essas duas forças.

A enunciação metafórica é, face à determinação conceitual, apenas um esboço semântico. Na sua origem se encontra o que Ricoeur chama a veemência ontológica de uma intenção semântica, que “separa a significação de sua primeira ancoragem, libera-a como forma de um movimento e a transpõe para um novo campo, ao qual ela pode dar forma com sua própria virtude figurativa” (Ricoeur, 2000, p. 459). O esboço que é o produto terminado desse ‘dar forma’, Ricoeur procura “doravante relacionar com as exigências do conceito” (Ricoeur, 2000, p. 460).

Nesse sentido, Ricoeur afirma a descontinuidade entre discurso metafórico e especulativo: “De um a outro discurso, passa-se apenas por uma *epokhê*” (Ricoeur, 2000, p. 460). Por especulativo, Ricoeur entende o discurso “que fornece o horizonte ou, como dissemos, o espaço lógico a partir do qual a elucidação do objetivo significativo de todo conceito distingue-se radicalmente de toda explicação genética a partir da percepção ou da imagem” (Ricoeur, 2000, p.

461). Segundo Ricoeur, “no horizonte aberto pelo especulativo, o ‘mesmo’ funda o ‘semelhante’, e não o inverso (...) revertendo a ordem de presença do discurso metafórico, que só atinge o ‘mesmo’ como ‘semelhante’” (Ricoeur, 2000, p. 461-462).

A partir da transposição da crítica de Husserl à imagem para uma crítica da metáfora⁵³, Ricoeur afirma a “limitação do discurso metafórico pelo discurso especulativo (...) o objetivo semântico do conceito apenas se separa das interpretações, das esquematizações, das ilustrações imagéticas, caso se disponha previamente de um horizonte de constituição, o do *logos* especulativo” (Ricoeur, 2000, p. 462-463).

A limitação acima tratada não implica a destruição do discurso poético pelo especulativo. Tal seria o resultado das interpretações racionalizantes. Para Ricoeur, a interpretação é “uma modalidade de discurso que opera a intersecção de duas esferas, a do metafórico e a do especulativo (...) De um lado, ela quer a clareza do conceito, de outro procura preservar o dinamismo da significação que o conceito detém e fixa” (Ricoeur, 2000, p. 464). O papel da metáfora viva, pela qual a imaginação ‘apresenta’ a Idéia ao pensamento conceitual, forçando-o a pensar mais⁵⁴, é aqui sublinhado por Ricoeur: “Essa luta por ‘pensar mais’, sob a condução do ‘princípio vivificante’, é a ‘alma’ da interpretação” (Ricoeur, 2000, p. 465).

No último parágrafo do *Estudo 8*, Ricoeur realiza a “Explicitação ontológica do postulado da referência”, que afirma ser “não mais uma tarefa de lingüística, mas de filosofia” (Ricoeur, 2000, p. 465), já que “a semântica só pode invocar a relação da linguagem à realidade, não pode *pensar* essa relação enquanto tal” (Ricoeur, 2000, p. 465). Pensar essa relação é possível, segundo Ricoeur, devido à reflexividade da própria linguagem, que é articulada no discurso especulativo e que é definida como “o saber que acompanha a função referencial, o saber de seu *ser-relacionado ao ser*” (Ricoeur, 2000, p. 466).

Essa reflexividade não leva a linguagem a se fechar em si mesma, mas a conduzir à abertura do que é. Nesse sentido, Ricoeur afirma: “Kant escrevia: ‘É

⁵³ Transposição possível, segundo Ricoeur, graças a que “*imaginatio* engloba não apenas as pretensas imagens mentais, mas também, e sobretudo, as assimilações e esquematizações predicativas que subentendem a enunciação metafórica” (Ricoeur, 2000, p. 462).

necessário que algo seja para que algo apareça'; nós dizemos: 'É necessário que algo seja para que algo seja dito'" (Ricoeur, 2000, p. 467). A partir dessa afirmação a linguagem pode ser pensada como o ser-dito da realidade⁵⁵.

O dito acima serve de pano de fundo ao objetivo final de Ricoeur: "o uso propriamente crítico do conceito de realidade"⁵⁶. Tal uso crítico já fora preparado por uma abordagem da suspensão da referência ordinária como condição negativa para a manifestação de uma *segunda referência*, regulada por um poder de *redescrição* semelhante ao das ficções heurísticas ou modelos da ciência.

O que para Ricoeur é a grande conquista do *Estudo 7*, a referência duplicada, segundo a qual a tensão característica da enunciação metafórica é suportada pela cópula *é* (Ser-como significa ser *e* não ser) é o que livra, segundo o autor de *A metáfora viva*, o uso crítico do conceito de realidade de se converter em uma defesa do irracional: "Ao menos a distinção do sentido relacional e do sentido existencial, no próprio coração do ser-cópula, era indício de uma possível retomada pelo discurso especulativo da dialética do ser que tem sua marca apofântica no paradoxo da cópula *é*" (Ricoeur, 2000, p. 470).

O traço do discurso especulativo que responde ao paradoxo da cópula é, segundo Ricoeur a distinção ato/potência, presente nas expressão aristotélica 'pôr sob os olhos', que é 'significar as coisas em ato'. Essa definição testemunha a intersecção da poética e da ontologia: a categoria 'ato' só tem sentido no discurso sobre o ser, que é a ontologia.

Para Ricoeur, "significar as coisas em ato seria ver as coisas como não impedidas de advir, vê-las como aquilo que eclode" (Ricoeur, 2000, p. 473). O poeta seria, nesse sentido, "aquele que atinge 'o princípio imanente que existe nos seres naturais, seja em potência, seja em entelúquia'⁵⁷, (...) [que] não pode ser mais

⁵⁴ Ricoeur toma emprestada aqui uma idéia do parágrafo 49 da *Crítica da Faculdade do juízo*, no qual Kant chama o "“espírito (Geist), em sentido estético”, o 'princípio vivificante no ânimo (Gemüt)'" (Ricoeur, 2000, p. 464).

⁵⁵ Cf. *A metáfora viva*, p. 467.

⁵⁶ Em contraposição com os usos não-críticos do conceito de realidade em vários estudiosos de poesia. Nesse sentido pode-se entender a dúvida de Ricoeur com respeito a distinção entre denotação e conotação, ligada à oposição entre os valores cognitivos e emocionais, a qual é para ele a projeção na Poética do preconceito positivista segundo o qual apenas o discurso científico é capaz de dizer a realidade.

⁵⁷ "Termo grego criado por Aristóteles para indicar o ato final ou perfeito, isto é, a realização acabada da potência (*Met.*, IX, 8, 1050 a 23). Nesse sentido Aristóteles definiu a alma como "a entelúquia de um corpo orgânico" (*De an.*, II, 1, 412 a 27)" (Abbagnano, p. 334).

procurado em uma região de objetos (...) [mas] no nível do aparecer em seu conjunto” (Ricoeur, 2000, p. 474).

A tarefa do discurso especulativo é, para Ricoeur, a investigação do lugar no qual aparecer significa ‘geração do que cresce’. Neste ponto Ricoeur evoca Heidegger devido a que “a metáfora da eclosão se impôs a ele, no coração de sua crítica da interpretação metafísica da metáfora, como metáfora da metáfora: as ‘flores’ de nossas palavras- ‘*Worte, wie Blumem*’- dizem a existência em sua eclosão” (Ricoeur, 2000, p. 474-475).

O nó do pensamento heideggeriano em seu último estágio é, segundo Ricoeur, o co-pertencimento de *Erörterung*⁵⁸ e *Ereignis*⁵⁹, a “topologia do ser” que designa o pensamento especulativo em seu “gesto constitutivo” (Ricoeur, 2000, p. 475)⁶⁰. Ricoeur afirma que o *Ereignis* tem o mesmo objetivo de sentido daquilo que outrora foi pensado como ato/potência⁶¹. A partir dessa interpretação, Ricoeur afirma que a

⁵⁸ Segundo Ricoeur, termo que designa a investigação do “lugar” e ao mesmo tempo o “comentário” dessa busca. Citamos o seguinte trecho, no qual Heidegger explica o significado do termo: “Traer de vuelta al lugar (*Ort*) lo llamamos localizar (*Erörterung*). La aclaración y explicación se fundamentan en el localizar. A través de él se constituye en primer término el lugar, pero todavía no es visible la cuadrícula (*Ortsnetz*), esto es, aquello desde donde se determina propiamente el ser como posición, es decir, por su parte, esta misma posición” (Heidegger, 1992). Também inserimos a tradução do texto ao português, de Ernildo Stein, que não traz as palavras originais no alemão: “O reconduzir ao lugar é por nós designado a **discussão (do lugar)**. O explicar e o elucidar se fundamentam na discussão (do lugar). Com isto, porém, se fixa apenas o lugar, mas as ramificações que dêle partem são ainda invisíveis, quer dizer, aquilo de onde ser como posição, a saber, a posição do mesmo, por sua vez, propriamente se determina” (Heidegger, 1970, p. 86).

⁵⁹ Segundo Ricoeur, termo que designa “a coisa mesma” que deve se pensar. O seguinte trecho de Heidegger concorda com essa leitura, já que o *Ereignis* é apresentado como o acontecimento que requisita a atenção do homem mais do que qualquer outra coisa: “A coisa-a-pensar se afasta do homem. Escapa-lhe. Como então, afinal, podemos ter a mínima ciência ou mesmo dar nome ao Tal (*Solchem*) que desde o princípio escapa. O que escapa recusa o encontro (*die Ankunft*). Só que esse escapar não é [um] nada. Privação (*Entzug*) é acontecimento (*Ereignis*). O que escapa pode, inclusive, dizer respeito e requisitar o homem mais essencialmente do que qualquer ente presente que o encontre e afete (*betrifft*). Aprecia-se tomar a capacidade que tem o real de nos afetar (*Betroffenheit*) como sendo o que constitui a realidade desse real. Mas essa capacidade de afetar do real pode fechar o homem justamente àquilo que o toca de modo mais enigmático, aquilo que lhe toca na medida em que escapa. O acontecimento da privação poderia ser a mais presente de todas as coisas presentes e, assim, superar infinitamente a realidade de todo real.” (Heidegger, 1954).

⁶⁰ Segundo Ricoeur, a filosofia do *Erörterung-Ereignis* “só pesa por sua contribuição à incessante problemática do pensamento e do ser (...) como os pensadores especulativos que o precederam, Heidegger está na busca da palavra mestra, ‘daquela que conduz todo o movimento de maneira decisiva’. O *es gibt* é, para ele, essa palavra. Ela porta a marca de uma ontologia determinada, na qual o neutro fala mais que a pessoa e na qual o dom representa, ao mesmo tempo, papel de destino” (Ricoeur, 2000, p. 480).

⁶¹ Essa comunidade no “objetivo de sentido” é atestada, segundo Ricoeur, em primeiro lugar pela negativa em reduzir a amplitude ao acontecimento ou ao processo e em segundo lugar pela aproximação do Ereignis com o *es gibt* “que, sob a forma de dom, anuncia toda a eclosão do aparecer” (Ricoeur, 2000, p. 475)

Erörterung, ao dirigir-se para o *Ereignis*, dirige-se para um “mesmo”, um “idêntico”, que a qualifica como pensamento especulativo. E esse “mesmo” está na situação do análogo dos antigos, na medida em que, também aqui, assemelhar é reunir (Ricoeur, 2000, p. 476).

Ricoeur busca preservar o desvio entre discurso especulativo e poético na distinção entre metáforas de filósofo (da qual seriam exemplos o *Ereignis* de Heidegger ou a *analogia do ser* tomista) e as metáforas do poeta. Ricoeur aponta *Aus der Erfahrung des Denkens* (A experiência do pensar) de Heidegger como um texto que dá testemunho de tal desvio: “O notável, nesse pequeno texto, é que o poema não serve nele de ornamento ao aforismo filosófico, e que este não constitui a tradução do poema: poema e aforismos são mutuamente em um acordo de ressonância que respeita sua diferença” (Ricoeur, 2000, p. 477).

Ricoeur guarda, do último Heidegger, o seguinte trecho, que caracteriza “a própria dialética dos modos de discurso, em sua proximidade e em sua diferença” (Ricoeur, 2000, p. 481):

Entre ambos, pensar e poeitar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois ‘moram nas montanhas mais separadas’ (Ricoeur, 2000, p. 481).

O diálogo com Heidegger marca o final do percurso especulativo de *A metáfora viva*. Tal percurso conclui na explicitação do que para Ricoeur constitui a dialética mais originária e encoberta, explicitada graças ao esclarecimento do caráter tensional da verdade poética: “a que reina entre a experiência de pertencimento⁶² em seu conjunto e o poder de distanciamento⁶³ que abre o espaço do pensamento especulativo” (Ricoeur, 2000, p. 482).

Ao longo deste capítulo fizemos uma exposição dos elementos da teoria da metáfora de Ricoeur que facilitam uma comparação com Santo Tomás. A consideração dos estudos 1, 6, 7 e 8 de *A metáfora viva* nos permitiu perceber

⁶² A experiência de pertencimento, que inclui o homem no discurso e o discurso no ser, é articulada e preservada, segundo Ricoeur, pela poesia em ligação com outros modos de discurso.

⁶³ Segundo Ricoeur, o distanciamento, constitutivo da instância crítica, possibilita a articulação da dinâmica da enunciação metafórica pelo pensamento especulativo no espaço de sentido do pensamento especulativo.

com maior clareza a importância do ponto de partida de Ricoeur: sua interpretação do pensamento de Aristóteles.

Em primeiro lugar, na importância dada por Ricoeur à ‘percepção do semelhante’, tanto em poesia quanto em ontologia, anuncia a tarefa que será assumida no estudo 8, que é a da explicitação da relação de inter-animação entre os discursos poético e filosófico. Tanto para Ricoeur quanto para a Aristóteles, ninguém ensina a perceber o semelhante, mas é uma questão de gênio. A percepção do semelhante é no poeta descoberta da passagem da potência ao ato, do desabrochar do ser das coisas. Somente o filósofo, por ser a noção de ato própria do discurso especulativo, é capaz de articular conceitualmente a descoberta do poeta, tornando-a, plenamente, uma aquisição do pensar humano.

Um segundo elemento é a definição aristotélica da *mimesis* como ‘significar as coisas em ato’. Tal definição é desenvolvida por Ricoeur no estudo 7, no sentido da elaboração de uma teoria da referência metafórica, isto é, do poder que a linguagem poética tem para redescrever o real. Para tal elaboração, Ricoeur recorre à comparação feita por vários pensadores entre as ‘redes metafóricas’ da poesia e os ‘modelos’ da ciência.

Outro elemento importante do pensamento de Aristóteles é o do ‘valor instrutivo’ da metáfora na retórica. Tal valor instrutivo vai de encontro com a qualificação da metáfora como simples ornamento da linguagem e é proporcional, tanto em Aristóteles quanto em Ricoeur, à elegância da mesma, sua capacidade para levar o ouvinte a ‘por sob os olhos’, a ‘ver como’ ou ‘fazer imagem’. A relação entre metáfora e imagem, presente em tais afirmações, é desenvolvida por Ricoeur no estudo 6, em que é reconhecida à imagem sensível um estatuto lógico e à metáfora um momento sensível.